



GT08 - Formação de Professores – Trabalho 1169

REFLETINDO SOBRE GÊNERO, TRABALHO E FORMAÇÃO DOCENTE: UM OLHAR PARA O PEDAGOGO DO GÊNERO MASCULINO INICIANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Shirleide Pereira da Silva Cruz – UnB

Fernando Santos Sousa – SEEDF/ UnB

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar e trazer para o debate a escola como espaço de trabalho do professor, reconhecendo que este ambiente está marcado por relações de gênero que interferem no modo de ser e estar na profissão docente. A luz de uma perspectiva crítica e baseando-se na categoria gênero pretende-se defender a importância dos estudos de gênero no campo da formação de professores, problematizando a respeito da questão dos pedagogos do gênero masculino iniciantes quando estes ingressam como docentes na educação infantil. Neste sentido, sintetizamos as produções depositadas no Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Ict, no período de janeiro de 2006 a março de 2017, que abordam a temática, destacando suas perspectivas metodológicas e formas de abordagem da categoria gênero nos estudos que corroboram com a perspectiva crítica de gênero na formação de professores.

Palavras-chave: Gênero, Professor Iniciante, Formação de Professores

Introdução

A inserção na carreira docente se configura uma importante etapa na formação na profissionalidade docente, no qual se deslumbra um fértil campo para análises e estudos, considerando os primeiros anos de docência. De acordo com Tardif (2002), são professores iniciantes os docentes com até cinco anos de carreira sem qualquer outra experiência em instituição ao entrar em um sistema de ensino público, trazendo em evidência o possível “choque de realidade” ocasionado pela mudança de posição entre a condição de aluno para a de regente de uma turma, agora como professor. Porém, outros fatores são relevantes para se pensar a questão da inserção na carreira docente que não apenas o tempo. Neste sentido, destaca-se aqui outro elemento importante para a análise da condição de professor iniciante: o gênero. No caso de professores do gênero masculino, ao atentar-se a condição da educação infantil como uma etapa da escolarização onde a maioria das docentes são mulheres, e de seu

caráter ligado ao cuidado e à maternagem, podem se acentuar ainda mais questões de dificuldades no pertencimento a docência e ocasionando até mesmo a desistência da carreira.

Desta forma, foi feito um levantamento de produções a respeito da condição de pedagogos do gênero masculino como iniciantes na educação infantil, buscando por perspectivas que possam auxiliar neste debate, considerando a importância do gênero no campo da formação de professores.

O presente texto está organizado inicialmente situando a questão do gênero à luz de uma perspectiva crítica, retomando a importância da categoria classe social nessa temática, bem como da totalidade social. Posteriormente, discutiremos as relações entre o gênero, o trabalho docente e a especificidade de pedagogos do gênero masculino iniciantes, identificando em teses e dissertações as fragilidades e potencialidades que podem apontar a necessidade de mais estudos das relações de gênero no campo da formação de professores e do trabalho docente em uma perspectiva crítica.

Os estudos de gênero em uma perspectiva crítica

Os estudos de gênero impulsionados pelo movimento feminista contribuíram e contribuem para a compreensão da realidade além de sua aparência e naturalização da forma de ser e estar no mundo, conseqüentemente, na forma de ser e estar na profissão docente e nas atividades desenvolvidas na escola. As concepções a respeito dos papéis sociais designados a homens e mulheres, bem como formas ideais de sentir e agir frente aos desafios impostos pelo modo de produção capitalista e do modelo de sociedade patriarcal, incidem de forma cruel e determinista, tanto sobre mulheres, como também na construção social dos homens. Embora o “machismo” não incorra sobre eles de forma tão violenta, ainda assim interfere, mesmo que simbolicamente em ações cotidianas não percebidas, mas naturalizadas, sobre os papéis de cada gênero na sociedade.

Tais estudos assumiram diferentes conceitos nas ciências nos últimos tempos e se consolidaram com o objetivo de problematizar e desnaturalizar as construções sociais e históricas das diferenças entre homens e mulheres. Simone de Beauvoir é considerada como uma precursora do conceito de gênero ao problematizar sobre a questão em sua obra “*O segundo sexo*”, de onde surgiu a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se.” essa obra enquanto teoria estimulou/estimula e influenciou/influencia o movimento feminista desde a década de 1960 até os dias atuais.

Grande parte da literatura que focaliza as relações de gênero define o ser humano como sexuado, homem-mulher, mulher-homem. E consideram que características são atribuídas aos sexos, como por exemplo, o trabalho, a agressão e a transformação atribuída aos homens; a delicadeza, o cuidado, a paciência e comunhão com a realidade atribuída as mulheres. Partindo da concepção de que homens e mulheres são seres sociais e que objetivam sua humanidade diariamente, podemos considerar tanto o masculino, quanto o feminino como parte do processo de construção e objetivação da humanidade.

Para Scott (1995) gênero é uma categoria útil de análise histórica e social que estuda as relações entre homens e mulheres em uma dada sociedade, entendendo que essas relações são dinâmicas e construídas ao longo de um processo que se manifesta de diferentes formas, dependendo do lugar e da época a qual fazem parte.

A teoria do Patriarcado aprofundada e defendida por Saffioti (2004) considera que existem discursos de legitimação sexual ou de ideologia sexual. Ao estruturar esse conceito a autora destaca que não existe separação entre a dominação do patriarcado e a exploração capitalista. São discursos que justificam e legitimam a ordem estabelecida em um processo de hierarquização de homens e mulheres nas sociedades dentro de seus modos de produção, determinando as crenças, direitos, deveres, espaços, atividades e condutas próprias de cada “sexo”. A defesa do conceito está pautada em sua capacidade de representar e evidenciar as hierarquizações presentes em todos os espaços sociais em uma relação civil e não privada. Além disso, considera a influência da ideologia do sistema patriarcal que impregna tanto a sociedade como o Estado, na qual na ordem patriarcal de gênero o poder é exercido pela classe dominante, com base em seus princípios de conduta e aceitação, sendo essa ordem exercida por homens, brancos e heterossexuais. O que nos faz discutir que na sociedade capitalista perpassam diversos tipos de discriminação sejam eles por raça, gênero, etnia, orientação sexual e classe social.

As contribuições a respeito das contradições da sociedade civil em relação ao gênero são evidenciadas pelos constantes entraves entre patriarcado, racismo e capitalismo, principalmente, se consideramos como categorias que operam em unidade e que acabam gerando diferentes formas de opressão.

Nesse sentido, concordamos com Hypolito e Vieira (2002) ao problematizar que

Os professores e as professoras possuem interesses e identidades ligadas a gênero, raça e classe social. As contradições existentes nas lutas sociais e políticas de negação ou de afirmação das culturas das minorias e de diferentes grupos étnico-raciais, em relação com as classes sociais, envolvem também os/as docentes. Os professores e as professoras, ao verem-se obrigados a padronizar o ensino desde a perspectiva de uma cultura padrão –

centrada na masculinidade, na branquidade, no cristianismo e no eurocentrismo –, vêm-se diante de relações políticas de poder que envolvem seus próprios interesses de gênero, de classe social e étnico-raciais” (p. 280).

A complexidade da teoria social, a partir do método em Marx, nos ajuda a compreender as múltiplas determinações que compõem as desigualdades impostas e perpetuadas entre homens e mulheres. Principalmente, por considerar sua concepção de história no desenvolvimento dos modos de produção através dos tempos sob o ponto de vista das relações de classe, a desconstrução de hierarquias naturalizadas, a teoria sobre ideologia e seu principal objetivo: a emancipação do proletariado contra toda e qualquer forma de dominação. Entretanto, consideramos que a análise de classe se torna insuficiente para interpretar a atividade docente e a formação de professoras e professores caso não seja considerada em unidade à categoria gênero.

Holmstrom (2014) considera a metodologia proposta por Marx valiosa para a compreensão do gênero ao evidenciar seus aspectos sociais, relacionais e holísticos. Sociais à medida que os sujeitos são parte de relações sociais complexas, sendo em cada sociedade a soma dessas relações particulares. Conseqüentemente, esse modo de compreender a sociedade ajuda a apreender o gênero como relacional por se tratar de determinar qual o “papel da mulher” em contraste com o “papel do homem” considerado como norma na sociedade patriarcal, entendendo que esses papéis não são “naturais” e “acidentais”, mas compreendidos sob os termos das relações de poder. Por fim, a valorização da totalidade social em sua teoria holística nos ajuda a compreender a persistência do gênero no decorrer da história, ao demonstrar a evolução dos modos de produção e as relações de classe, caracterizadas por diferentes leis, sendo o gênero um exemplo dessas relações que se manifestam na naturalização das hierarquias sociais politicamente construídas e conservadas pelo poder.

Como a relação entre os gêneros é dialética, na qual a definição de um implica na existência em contraposição do outro, é importante compreender essa dinâmica no que diz respeito à forma como se constituem em uma unidade. Sendo assim, a filosofia se manifesta como importante instrumento que subsidia o aprofundamento e construção de uma teoria que ajude na compreensão do real em suas múltiplas determinações, fora de um estado contemplativo, ao caracterizar mulheres e homens por meio de sua atividade, chegando a uma filosofia que tenha sua perspectiva fundamentada na *práxis*. Para isso a filosofia pode fornecer elementos que ajudem a humanidade enquanto gênero humano sair de um campo teórico para o prático, ativando e desenvolvendo a sua consciência crítica, com o objetivo de transformação da realidade pela *práxis*.

São inúmeros os debates em relação à abordagem de gênero em uma perspectiva crítica. Algumas posições contrárias se fundamentam na insuficiência de sua abordagem com base nas contradições econômicas e influência nas relações sociais. Entretanto, acreditamos que ao pensar por contradição tal abordagem epistemológica, não corresponde a um determinismo e economicismo e sim, às condições básicas de produção e reprodução da vida material e do ser humano em sua totalidade, considerando o biofísico e o social enquanto produto do trabalho humano, em interação com pares dialéticos da objetividade/subjetividade, da estrutura/superestrutura e na apreensão dos nexos pela causalidade/racionalidade, sem abrir mão da historicidade.

O gênero humano, presente em cada indivíduo social de forma consciente ou não, consiste no desenvolvimento material e espiritual acumulado em uma relação processual entre passado, presente e futuro. A ausência da percepção consciente da generalidade do gênero humano, por vezes, não ocorre devido ao estranhamento e a alienação das relações sociais e de produção na sociedade capitalista mediada por seus valores de troca. Nesse contexto, a educação permite a construção consciente do gênero em cada indivíduo social, possibilitando a passagem do “em si” (subjetividade singularizada) ao seu “para si” (subjetividade objetivada) na reconciliação e superação da cisão entre indivíduo e sociedade.

Em um estudo feito por Souza (2013) a respeito das críticas encaminhadas ao método em Marx em relação à categoria gênero, a autora destaca a evolução em suas obras no que diz respeito a aspectos não diretamente ligados ao gênero, mas relacionados. Andrade (2011) também analisa em sua tese essa evolução na compreensão da temática: Em “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” publicado no ano de 1844, ela destaca que Marx ainda mantinha o pensamento idealista e moral a respeito de problemáticas que hoje são relacionadas ao gênero, entretanto, nos anos seguintes 1845, 1846 ao estabelecer sua parceria com Engels por meio de obras como “A Sagrada Família” e “A Ideologia Alemã” chegam à conclusão de que a relação entre os sexos são determinadas historicamente e que seria necessária à luta pela emancipação das mulheres que resultaria em um processo maior de emancipação: “O grau de emancipação das mulheres é a medida natural da emancipação geral.” (MARX & ENGELS, 2003. p. 219) Em “A questão Judaica” e “A crítica da economia política” ao romper e superar o idealismo Hegeliano e se deparar com as questões materiais e condições materiais da existência, percebe-se um abandono do campo moral, o que já demonstra um avanço na compreensão das relações sociais estabelecidas.

A divisão social do trabalho em um modelo de sociedade permeado por valores e por uma hierarquização que promove desigualdades entre homens e mulheres faz surgir outras

divisões, fragmentando ainda mais a totalidade do ser social, entre elas a divisão sexual do trabalho, caracterizada pelas desigualdades presentes entre os gêneros no processo produtivo. Para Saffioti (2013) para os elementos do sexo feminino a obtenção do máximo da mais-valia se alimentava pela da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos. (p. 67)

Nesse modelo de divisão sexual do trabalho há uma desqualificação de profissões relacionadas ao trabalho feminino e uma valorização de profissões que envolvam um maior poder masculino, a mulher então é desconsiderada como sujeito histórico da sociedade e a elas são atribuídas tarefas de vida doméstica e pública sem que sejam remuneradas e valorizadas como deveriam. Nesse contexto a educação infantil como uma etapa feminilizada torna-se também desvalorizada, por vezes negada a prática aos homens que não aceitam tais imposições determinadas por concepções e modelos hegemônicos da classe que detém os meios de produção.

Nono e Mizukami (2006) ao analisarem estudos sobre as dificuldades enfrentadas por professoras iniciantes na educação infantil apontam que apesar do entusiasmo das professoras com o início da carreira, em contato com o cotidiano, acabam se sentindo desmotivadas, sendo evidenciado um sentimento de abandono pela equipe de coordenação frente às dificuldades e às contradições aos seus ideais construídos durante a graduação. Essas situações as fazem repensar sobre a permanência na profissão, outras dificuldades apontadas também estão relacionadas a materialização da teoria em prática e da didática. A autora lembra que “as professoras [...] enfrentaram os primeiros obstáculos, valendo-se deles para reforçar a descoberta de novos caminhos, refletindo sobre os problemas vividos e procurando reavaliar-se a cada momento” (NONO e MIZUKAMI, 2006, p.4). Nessa perspectiva além das dificuldades inerentes ao início da carreira, pedagogos do gênero masculino iniciantes também podem enfrentar questões relacionadas ao convencimento de sua capacidade profissional no exercício da docência na educação infantil.

Huberman (2000) reforça que nesse período afloram-se as descobertas e as dificuldades na materialização da teoria e prática. Sendo o início de carreira uma fase identificada por características marcantes, entre elas aprendizagens intensas e grandes dificuldades e que para superá-las e continuar na profissão é necessário passar por um verdadeiro processo de sobrevivência, entendemos aqui que a questão de gênero pode intensificar ainda mais esse processo que já se mostra em sua essência complicada e contraditória.

Vale lembrar que para discutir questões referentes ao gênero é importante o resgate da problemática de classe social e as bases de desenvolvimento do gênero humano. Em acordo com Cisne (2016) é da contradição de classe que emergem as desigualdades, opressões e explorações que marcam a vida de homens e mulheres trabalhadoras e trabalhadores. Logo, entendemos não ser possível analisar as relações de gênero de maneira isolada das determinações sociais e econômicas.

Neste sentido, a compreensão da totalidade social e dos processos históricos vivenciados por professores iniciantes e sua condição de gênero, problematizam a necessidade de desenvolvimento de estudos no campo da formação de professores sobre as contradições presentes na relação entre capital, trabalho docente e das forças sociais que determinam essas contradições, sem perder de vista a categoria gênero, que se torna essencial para analisar as diferentes formas de construção da profissionalidade docente nas diferentes etapas da formação de professores.

Trabalho Docente, Gênero e os Pedagogos do gênero masculino iniciantes

O Trabalho Docente se desenvolve em meio às relações sociais capitalistas em uma relação direta e indireta com a cultura e a história no processo de humanização de mulheres e homens pela educação. Com o avanço do capitalismo e as mudanças políticas e sociais impulsionadas pela revolução industrial, o trabalho passou a assumir também um aspecto negativo para a formação humana, à medida que começou a ser materializado e reduzido ao objetivo de acúmulo do capital.

Tomaremos como base o conceito de Trabalho em sua dimensão ontológica e fundamental em Marx (1998) sendo toda transformação intencional da humanidade sobre a natureza como meio de satisfação de suas necessidades garantindo a manutenção de sua existência física. Por meio do trabalho é possível criar e recriar a realidade saindo de uma mera existência orgânica rumo a sua sociabilidade, no processo de construção da subjetividade e desenvolvimento do ser social. Marx & Engels (1998) referindo-se ao indivíduo como ser social, entende que:

O homem - por mais que seja um indivíduo particular, e justamente é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social individual efetivo - é, a mesma medida, a totalidade, totalidade ideal, o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na efetividade ele existe tanto como intuição e gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade de exteriorização da vida humana (p. 10).

Assim, a análise sobre a constituição histórica do trabalho docente precisa estar situada em um contexto de ampliação das oportunidades de acesso à educação básica e o reordenamento das forças de trabalho, impulsionadas pelo avanço do capitalismo e a revolução industrial. Tal contexto trouxe importantes mudanças no que diz respeito as relações de trabalho e da profissão docente do ponto de vista prático e teórico. Entre essas mudanças de influência social, econômica e cultural está a busca pela profissionalização e a transformação do professorado como categoria assalariada contratada e até certo ponto controlada pelo Estado, ao fazer suas imposições na forma de ser e estar na profissão por meio da estrutura e organização escolar. Além de novamente aspectos relacionados ao gênero, presentes de maneira clara no processo de feminização do magistério, por exemplo.

Quando as mulheres passaram a assumir a sala de aula, elas se ocuparam de um universo marcadamente masculino. Exercer a docência foi visto por elas como uma grande conquista, já que agora poderiam sair parcialmente da vida doméstica e exercer atividades na vida pública sem que isso compromettesse sua imagem perante a sociedade. Diante dessa nova realidade econômica, foi consolidando-se socialmente a profissão docente como feminina amparada em uma concepção, que tinha como pressuposto a escola como extensão do lar e continuidade da maternidade para atuar principalmente na educação infantil e as características da identificadas socialmente com a masculinidade, “[...] tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico.” (CARVALHO, 1998 p. 5) parecem demorar a adentrar o espaço daquela etapa de ensino.

As insuficientes condições de trabalho e de salário são marcas ainda deixadas pelo Estado, mostrando descaso com a educação pública que afastou homens do magistério e ampliaram o espaço escolar para as mulheres que representavam uma mão de obra mais barata, essas mulheres se constituíam em sua maioria pelo grupo da classe média-média e classe média-baixa, que perceberam a educação como uma possibilidade de exercer uma profissão sem que sua reputação fosse colocada a julgamento, exercendo tarefas de cuidado, que se aproximavam da vida doméstica e garantiria também uma certa ascensão econômico-social.

Analisando uma outra dimensão, a do cuidado no trabalho humano, destacamos que este é um modo de “ser-no-mundo”, no qual o ser humano constrói sua própria ótica sobre as coisas e desenvolve mecanismos com o objetivo de garantir a sobrevivência do que é importante para si e para todos. A dominação da humanidade no modo de produção capitalista

“masculinizou” as relações entre as pessoas, o cuidado fixou-se apenas como uma característica da mulher, a mãe, a que gesta, dá à luz e que acolhe. A responsabilização de mulheres pelo cuidado inicial de crianças pequenas configura-se como um dos elementos universais e duráveis da divisão sexual do trabalho.

Aspectos como estes apontados até agora, por serem parte de uma totalidade, são existentes na escola e assim concepções construídas socialmente demandadas pelos modos de produção capitalista influenciam diretamente em sua dinâmica e na atividade docente, o que novamente nos remete a necessidade de discussão, reflexão e ação a respeito do papel normatizador desenvolvido por ela no que se refere às questões de gênero, sendo seus estudos fundamentais para a compreensão da totalidade nos estudos do campo de formação de professores.

As análises da Educação Infantil do ponto de vista histórico identificam que essa tarefa por muitos séculos esteve restrita como uma responsabilidade exclusiva da família, sendo no convívio com adultos e outras crianças as formas de apreensão de normas e regras presentes em sua cultura. É importante compreender que a indústria moderna alterou de forma significativa a estrutura social vigente, modificando hábitos e até mesmo costumes de muitas famílias. Nesse contexto, as mães trabalhadoras não tinham onde deixar seus filhos para que exercessem sua atividade e deixavam estes sob os cuidados de outras mulheres, que vendiam seus serviços e se dedicavam ao cuidado dessas crianças.

Diante dessa realidade, foram criadas as primeiras instituições de cuidado para crianças de mães trabalhadoras na Europa e Estados Unidos, esses novos espaços visavam o cuidado e a proteção desses pequenos até o retorno das mães. Kuhlmann Jr. (2001) destaca que apesar do caráter assistencialista essas instituições não se preocupavam apenas com questões de cuidados, mas também de educação e apresentavam propostas pedagógicas já em sua criação. Diferenciando-se dos países europeus, no Brasil as primeiras creches surgiram juntamente com asilos e orfanatos em um caráter estritamente assistencialista. Os orfanatos visavam diminuir o transtorno a homens que abandonavam suas famílias e retirar dos mesmos as responsabilidades de assumir a paternidade.

Sendo assim, a historicidade da educação, em especial a educação infantil como um espaço feminilizado, nos permite dialogar com as produções já realizadas com o objetivo de defender a importância dos estudos do gênero e suas relações no campo da formação de professores.

Um diálogo com as produções já realizadas: em que podemos avançar?

Os marcos históricos do trabalho docente nos ajudam na compreensão da associação da Educação Infantil, que apesar das rupturas ainda se configuram em ações de cuidado e atenção a crianças que ainda não possuem grau elevado de independência. Nesse contexto, ainda existe um longo caminho para percorrer e lutas a travar em relação não só da valorização da educação infantil nas políticas públicas e de formação de professores, como também no suporte a professores iniciantes, atentando-se a possíveis dificuldades ocasionadas por sua condição de gênero.

Embora existam produções utilizando a categoria gênero no trabalho docente, ainda assim são insuficientes os estudos sobre pedagogos do gênero masculino na educação infantil, principalmente ao considerar sua condição como professores iniciantes. Fizemos uma busca por produções sobre essa temática no Banco de Teses e Dissertações do Ibtict e dialogaremos com os resultados apresentados pelos trabalhos encontrados sobre pedagogos do gênero masculino confirmando as discussões e problematizações do nosso referencial teórico.

Destaca-se primeiramente que os estudos analisados apontam de modo relevante categorias que podem se relacionar e se complementar tanto em relação a questão de gênero na educação, como na influência e importância para os estudos sobre a formação de professores. Nesse sentido a categoria **valorização** para demonstrar e ressaltar o descaso com questões relacionadas a atividade e formação na educação infantil, que por seu caráter historicamente construído como assistencialista e ligado a noções de cuidado, apresenta-se relacionado a outra categoria à **feminização**, ao considerar as questões históricas e as características específicas que tornaram corpo docente dessa etapa já de início, em sua constituição histórica, feminizado e desvalorizado. A valorização e a feminização, acabam contribuindo na **intensificação** do trabalho docente, à medida que a profissionalização docente torna-se secundária e as atividades escolares ficam reduzidas a uma continuação do lar, sem necessidade de aprofundamento, se relacionando a outra categoria: a **maternagem**, socialmente e culturalmente ligada ao gênero feminino, sendo a mulher a que gesta e a que cuida, resultando na negação a pedagogos do gênero masculino a exercerem a docência nesse nível de escolarização, gerando neles uma crise ligada a outra categoria; a de **pertencimento** à docência. Em se tratando de professores iniciantes, nessa perspectiva, ao não conseguirem superar o denominado processo de sobrevivência, por vezes acarreta no abandono da carreira. Sendo assim fizemos a leitura, análise dos trabalhos já realizados e apresentaremos os resultados de alguns, com o objetivo de identificar tais categorias e as perspectivas epistemológicas utilizadas, que nos ajuda na argumentação sobre a importância dos estudos de

gênero no campo da formação de professores e o aprofundamento de pesquisas que discutam o gênero em uma perspectiva crítica.

Em síntese, os trabalhos realizados e identificados (teses e dissertações) a respeito de pedagogos do gênero masculino entre 2006 e 2017, tem em sua maioria como objetivo o relato dos motivos que fazem esses profissionais “transitarem a fronteira” determinada por questões referentes ao gênero, em uma atividade docente exercida em sua maioria por mulheres, além das representações a respeito da docência masculina. O estudo de Nunes (2008) relatou as trajetórias de professores-homens que atuam no magistério público em Sergipe permitindo elucidar aspectos significativos do trabalho docente na atualidade. Na maioria dos relatos a escolha profissional aconteceu vinculada a questões socioeconômicas e à presença próxima de professoras na família: mães, tias, esposas, entre outras. Destaca-se aqui o aspecto relacional dos professores-homens com mulheres-professores de sua família.

Retratam também o papel positivo da presença de pedagogos homens quando estes assumem turmas de educação infantil, como por exemplo, a desconstrução de visões estereotipadas a respeito dos papéis sociais determinados a homens e mulheres, ressaltando a importância da figura masculina em atividades que demandam práticas sensíveis de cuidado e afetividade. Como podemos evidenciar nos estudos de Sousa (2011) em que foi identificado como consequência da inserção de homens na educação infantil uma ressignificação do espaço e das ações das escolas que inicialmente se configuraram em estranhamento e, posteriormente, em uma relação de confiança com esses profissionais.

Entre os achados do estudo de Silva (2014) sobre docência na educação infantil está a confirmação desses aspectos que normatizam e padronizam os modos de ser professor e professora e que reproduzem a divisão sexual do trabalho na sociedade contemporânea. Foi constatado como observação da pesquisa que a docência na educação infantil vem passando por inúmeras transformações, sendo reeditada e reinventada. O que nos lança o desafio de uma pedagogia da educação infantil não sexista, emancipatória e o incentivo de produções sobre as culturas infantis, o que corrobora com nossa defesa em relação a valorização de pesquisas em uma perspectiva crítica que forneçam elementos teóricos que possam sustentar e subsidiar um movimento de transformação da realidade.

Ressalta-se a importância das pesquisas realizadas até aqui, entretanto, reiteramos que não foram encontrados estudos que considerassem a especificidade de pedagogos do gênero masculino na educação infantil em sua condição como professores iniciantes. Além disso, as perspectivas metodológicas estão concentradas em sua maioria na subjetividade, nas

representações sociais e na fenomenologia o que nos motiva ao incentivo de produções que relacionem o trabalho docente a uma perspectiva crítica.

Os dados apresentados no quadro nos permitem recomendar também a análise das condições objetivas e subjetivas para uma possível compreensão da totalidade de uma temática que consideramos tão importante, principalmente sob a perspectiva de se tomar o trabalho docente em sua concentricidade reconhecendo-o como elemento formador ou seja, constituem uma unidade- a formação tem sua gênese no trabalho (CURADO-SILVA; LIMONTA;2013). Embora alguns estudos tenham desenvolvido todo o caráter histórico da docência e seu processo de feminização e feminilização, ainda assim percebe-se uma lacuna e silenciamento em relação ao uso da categoria gênero de análise histórica e social na perspectiva do campo de formação de professores entendendo o trabalho docente como um trabalho sexuado: desenvolvido por mulheres (HYPÓLITO:1997), mas que se relaciona à condição daqueles que sendo do gênero masculino adentram neste campo de trabalho de diferentes formas quando focamos diferentes níveis e modalidades de ensino, a exemplo da educação profissional que embora tendo predominância masculina na docência nos últimos anos tendo tido significativa presença de mulheres tal como o estudo de Oliveira (2016) identificou.

Pelo exposto, além de se pensar nas dificuldades inerentes à inserção na docência, podemos problematizar também sobre as determinações sociais presentes no trabalho docente, tudo que se pode ou não fazer e como se deve ou não ser. Considerando um modelo de formação de professores que se dá no trabalho e pelo trabalho, da relação presente na unidade teoria-prática aliada a uma formação política, é possível e necessário discutir a respeito das relações de segregação e até mesmo de negação da atividade docente a esses professores, já que por sua condição de gênero, a quem por vezes é negada (mesmo que de forma velada) a chance de exercer a docência pelo trabalho na educação infantil, o que torna fundamental o gênero como importante categoria no desenvolvimento dessa construção. Entretanto, nota-se que ainda existe certo silenciamento em relação a estudos que aprofundem essa categoria e temática. O que demanda maior atenção com estudos que evidenciem como a questão de gênero influencia nas outras categorias que permeiam o trabalho docente e a atividade docente no campo da formação de professores.

Algumas Considerações

Este estudo teve como objetivo analisar e trazer para o debate a escola como espaço de trabalho do professor, reconhecendo que este ambiente está marcado por relações de gênero que interferem no modo de ser e estar na profissão docente. Além de defender por meio do referencial e diálogo com as produções já realizadas a importância da categoria gênero para os estudos sobre formação de professores

Ao promover discussões a respeito dessa temática no campo da formação de professores sobre a presença de Pedagogos do gênero masculino iniciantes e a construção de sua profissionalidade através do trabalho consciente e revolucionário, é possível que ocorra uma subversão a naturalização do estado atual das coisas, visando transformações e reconstruções de significados a respeito de concepções hegemônicas reproduzidas e naturalizadas.

É importante lembrar que os conhecimentos superficiais sobre as condições materiais do trabalho desses pedagogos contribuem negativamente sobre a concepção do trabalho desenvolvido por esses professores. Acreditamos que a luta pela emancipação das mulheres e homens são parte de um projeto maior de revolução, fundamentado por uma filosofia crítica que ofereça elementos para a materialização da ação enquanto *práxis* revolucionária que possa transformar a realidade.

No tocante as ações que envolvam o trabalho docente, no seu processo de humanização do ser humano por meio da educação, torna-se possível pensar na extinção de toda e qualquer forma de exploração e opressão sofrida por mulheres, negra (o)s, indígenas, entre outras frentes de luta, presentes e que estão em constante oposição às ordens impostas pela sociedade capitalista, mas para isso é preciso quebrar com esse modelo de sociedade e com perspectivas fundamentadas na relação entre capitalismo, gênero, classe e racismo.

Identificamos que todos esses fatores sociais influenciam no bem-estar docente, seja de professoras ou professores, além disso, revelam a necessidade de se superar o senso comum a respeito dos papéis de gênero impostos pela visão hegemônica de sociedade.

Nesse contexto, são válidos o incentivo e o desenvolvimento de pesquisas que ajudem não só na compreensão da realidade como também na transformação e reconstrução de significados a respeito desses modelos, sendo necessário evidenciar a importância de tais profissionais e sua contribuição em um processo de desnaturalização e ressignificação do espaço escolar considerando as mediações influenciadas pelo gênero.

Ao identificar o silenciamento em relação a questão do pedagogo do gênero masculino iniciante na educação infantil, reforça-se a necessidade da busca por aproximações a respeito das condições objetivas e subjetivas que se relacionam a importância dos estudos de gênero na formação de professores bem como uma análise teórica que possa subsidiar a atividade docente, em um movimento de compreensão, enfrentamento e transformação dessa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. E. J. **O Marxismo e a Questão Feminina:** As articulações entre gênero e classe no âmbito do feminismo revolucionário. 2001. 210f. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CARVALHO, Ana Márcia de Oliveira. **Vozes masculinas no cotidiano escolar:** Desvelando Relações De Gênero na Educação Infantil sob a Perspectiva Fenomenológica de Alfred Schütz. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2015.
- CARVALHO, Marília. **Gênero e política educacional em tempo de incerteza.** In: HYPOLITO, Álvaro; GANDIN, Luiz. (orgs). Educação em tempos de incertezas: Belo Horizonte : Autentica , 1998.
- CISNE, M. **Marxismo:** uma teoria indispensável à luta feminista. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c6.PDF>>. Acesso em: 27 out. 2016.
- GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. **Transitando na fronteira:** a inserção de homens na docência da Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.
- GONÇALVES, Josiane Peres. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em Porto Alegre.** Tese. (Doutorado em Educação) PUC-RS, Porto Alegre, 2009.
- HOLMSTROM, Nancy. **Como Karl Marx pode contribuir para compreensão do gênero?.** In: CHABAUD-RYCHTER, D. et al. O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- HUBERMAN, Michael. **O Ciclo de Vida Profissional dos Professores.** In: NÓVOA, António (Org.). Vida de Professores. Porto: Porto Editora, 2000, p. 31-62.
- HYPOLITO, Álvaro M. e VIEIRA, Jarbas. S. **Reestruturação educativa e trabalho docente:** autonomia, contestação e controle. In: HYPOLITO, Álvaro M.; VIEIRA, Jarbas S.; GARCIA, Maria Manuela Alves, org. Trabalho Docente: Formação e Identidades. Pelotas: Seiva Publicações, 2002. p. 271-283.

KUHLMANN JR., Moisés. **O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX.** In: MONARCHA, Carlos, (Org.). Educação da infância brasileira: 1875- 1983. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-30 (Coleção educação contemporânea).

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A Sagrada Família.** São Paulo: Boitempo, 2003, p. 219.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. N. **Processos de Formação de Professoras Iniciantes.** 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT08>>. Acesso em: 15 de junho de 2015.

NUNES, Suzana Mary de Andrade. **Professor, uma profissão professada:** o homem no exercício do magistério (1975 - 2005). Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2008.

OLIVEIRA, Blenda Cavalcante de. O trabalho docente na verticalização do Instituto Federal de Brasília. 2016. 170 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PEREIRA, Maria Artete Bastos. **Professor Homem Na Educação Infantil:** A Construção de uma Identidade. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes.** 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Gênero, patriarcado, violência.** 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALGADO, João Sérgio Macedo. **A Voz De Homem E a Voz Do Homem:** As representações sociais masculinas do magistério. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2 jul./dez. 1995.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

LIMONTA, S. V. CURADO SILVA, K. A.P.C. **Formação de professores, trabalho docente e qualidade de ensino.** In: LIBÂNEO, J. C. SUANNO, M. V. R. LIMONTA, S. V. (orgs) Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores. Goiânia: Ceped Publicações; Gráfica e Editora América: Kelps, 2013

SOUSA, José Edilmar de. **“Por acaso existem homens professores de educação infantil?”:** um estudo de casos múltiplos em representações sociais. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011

SOUZA, Iael de. **Educação e Gênero (Humano)** – Mediações Negligenciadas. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v.5, n.1, p. 122-134, jun. 2013.

SOUZA, Mára Isis de. **Homem Como Professor De Creche: Sentidos E Significados Atribuídos Pelos Diferentes Atores Institucionais**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.